

**XII Encuentro de Geógrafos de América Latina – EGAL
Universidad de la República**

Título:

Percepção, Cognição e Representação como Instâncias Prévias ao Planejamento e a Gestão do Território

Sub-área temática:

Respuestas teórico-metodológicas de la geografía ante las recientes espacialidades.

Autores:

Prof. Dr. Milton Esteves Junior - Arquiteto

m.estevesg3@gmail.com

(27) 88040068

Adriana Gomes Maia - Arquiteta

Henrique César Guimarães - Estudante

Lícia Rodrigues Negreiros - Estudante

Universidade Federal do Espírito Santo

Av. Fernando Ferrari 514

Campus Goiabeiras, Vitória – ES

CEP – 29060-900

Fone: (27) - 33357808

APOIO INSTITUCIONAL

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior - CAPES

Fundo de Apoio à Ciência e Tecnologia - FACITEC / Pref. Munic. de Vitória

À GUIA DE INTRODUÇÃO

O processo de globalização tem imposto uma usurpação do território que resulta em novas espacialidades e territorialidades cada vez mais difíceis de serem apreendidas, mapeadas e gerenciadas. Isso justifica os objetivos centrais do Grupo de Pesquisas e Projetos Territoriais Conexão Vix¹, focados na determinação de bases conceituais e de estratégias e táticas processuais que permitam a cognição, a compreensão e a expressão de tais espacialidades e territorialidades. Como consequência, esperamos garantir práticas projetuais e intervenções coerentes que tenham como pressuposto prioritário o conhecimento da própria realidade concreta do território revertidos em desdobramentos positivos nesta mesma realidade, o que será detalhado em outro trabalho focado em nossas práticas projetuais.

Para alcançarmos tal conhecimento, analisamos o território e os procedimentos relacionados à urbe por meio de fatores imprescindíveis tais como: ambientes culturais; unidades ambientais de preservação ou de estimulação; cadeias produtivas; dispositivos logísticos, infra-estruturais e de transportes; influências extra-urbanas e processos intra-urbanos; morfologia urbana; tipos de assentamentos e modelos de desenvolvimento (espontâneos ou controlados); uso e ocupação do solo; procedimentos em planejamento, legislação e gestão urbana; empreendimentos sócio-culturais e econômicos. Investigar o território e suas territorialidades por meio desse vasto e complexo elenco de questões pressupõe entendê-los como lugar da vida cotidiana dos assentamentos humanos, como campo de operações e explorações e, simultaneamente, como terreno para a prática da apropriação e dominação dessas operações; pressupõe, também, a adoção de estratégias metodológicas que desenvolvam nossa capacidade de vivenciar, avaliar, diagramar e mapear alguns dos principais fatores constituintes dos sistemas, atores e agentes que definem o destino do território e o das coletividades que o habita.

Por tudo isso, nos dedicamos a entender as interrelações entre o sujeito e o espaço, as quais não podem restringir-se aos fatores meramente formais e dimensionais; desenvolvemos uma espécie de estratigrafia do território, ou seja, uma análise da sucessão de estratos (aqui também entendidos como peles) que nos permita tanto a compreensão de nossa própria geografia (elemento chave do nosso contato com a realidade) quanto a definição de nossos passos em direção às necessárias intervenções já em dialética com o território. Buscamos recursos estratégicos que atuem de forma simultânea e interativa, que processem novas formas de leitura e de “textualidade” isentas de didatismos gratuitos e de caráter meramente descritivo ou transcritivo. Partimos de algumas ações e instâncias elementares que se dividem em duas frentes distintas, porém sempre entendidas e executadas de modo indissociável: a) leituras verbais - sistematização de conjuntos teórico-conceituais; b) leituras do “não verbal” - atividades práticas executadas no próprio território. A primeira busca sintetizar o necessário suporte intelectual e cognoscitivo do objeto em questão, atributo incontestável dos trabalhos de cunho acadêmico, por meio de contribuições conceituais e estratégicas selecionadas. A segunda corresponde aos objetivos pragmáticos desta investigação que demandam um contato conseqüente e isento de mediações com a realidade concreta do território.

Entendemos a composição físico-territorial como uma sucessão de estratos, de tecidos sobrepostos ou justapostos que denominamos "peles". Para facilitar a análise, ou

¹ O Conexão Vix, estabelecido no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFES desde 2005, busca entender os reflexos da produção do território nas escalas urbana, regional, macro-regional e global, considerando as situações críticas provocadas no habitat, nos modos de vida, nas áreas de expansão urbana e nos remanescentes naturais. Nosso grupo conta com subsídios do CNPQ, da CAPES e do FACITEC – Prefeitura Municipal de Vitória.

melhor, a estratigrafia dessas peles, subdividimos esses tecidos em três estratos: pele natural; pele supra-estrutural; e pele infra-estrutural. A pele natural, identificada por vários “ecossistemas” (afloramentos rochosos, maciços vegetais e formações aquíferas, por exemplo), corresponde à superfície geológica ou topológica original, onde ocorrem as ações de transformação e consolidação dos assentamentos urbanos. A pele supra-estrutural correspondente à própria arquitetura da cidade e é formada pelos aparatos habitacionais, comerciais e logísticos. A pele infra-estrutural corresponde às grades funcionais de serviços e fluxos e é essencial ao funcionamento das ocupações territoriais, provendo-as de instalações hidro-sanitárias, de redes energéticas, de sistemas de circulação de pessoas e bens. As formas como se processam os arranjos dessas peles (por meio de interações sequenciais com ou sem prévio planejamento) impõem resultados mais ou menos ordenados, fragmentados e harmônicos. As formas como tais arranjos relacionam suas funções (morar, produzir, circular, armazenar, dentre outras coisas) qualificam os diversos tipos de configuração urbana (formais ou informais, normais ou subnormais) e caracterizam a urbe (complementar ou suplementarmente; premeditada ou espontaneamente, hierarquizada ou anarquicamente; adequada ou conflitivamente).

Para processar uma adequada leitura desses estratos utilizamos, dentre outras teorias, a das multiplicidades que, segundo DELLEUZE e GUATARRI (1995), implicam um alto grau de provisões, mutações e evoluções e rompem a inércia de sua própria constituição e consolidação. A exemplo do próprio território, as teorias das multiplicidades estão sempre em processo de transformação e reorganização, de territorialização e desterritorialização. Desse modo, a citada associação dos estratos do território não se limita a uma mera somatória de peles e, sim, à junção e interlocução destas por meio de forças de influência, de campos de tensão. Por isso, são entendidos no âmbito e na escala cabíveis à sua amplitude e complementaridade, definitivamente múltiplas e que “não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito”; devem ser compreendidas como platôs, ou seja, como “zonas de intensidade contínua [...] que constituem *territórios* e graus de *desterritorialização*”.² Com isso, determinamos mecanismos que nos permitam: 1- identificar essas forças de influência e estabelecer uma correlação lógica entre elas; 2- eliminar ou potencializar suas sobreposições; 3- descobrir a correlação entre as forças de influência e o território no qual se aplicam; 4- identificar os conflitos e as patologias. Tudo isso demanda a utilização correta de um conjunto teórico-conceitual e da necessária estratigrafia analítica (sintetizados sintetizado a seguir).

SÍNTESE DO CONJUNTO TEÓRICO-CONCEITUAL

Psicogeografia. Concebida como “ciência” destinada a analisar e decifrar as interações entre humanos e contextos ambientais, a Psicogeografia avalia os efeitos do meio ambiente, ordenado conscientemente ou não, sobre o comportamento afetivo e os sistemas perceptivo e cognitivo dos indivíduos. Trata-se de um procedimento estratégico utilizado pela Internacional Situacionista, grupo responsável por importantes manifestações teóricas e comportamentais dedicadas ao Urbanismo Unitário, que não pode estar restrito às fórmulas de intermediação e representação da configuração geológica nem aos recursos de representação geográfica, procedimentos que, fatalmente, o converteriam num objeto de pesquisa prosaico. Por isso, a Psicogeografia parte do estudo do realismo dos fatos tal e como estes se expressam no meio ambiente,

² DELLEUZE, G.; GUATARRI, F.: “Prefácio para a edição italiana”, in *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995 Vol. 1, p.8.

investigando-os em suas relações com os valores humanos e por meio do contato direto com o espaço e tempos presentes. Com isso, propõe estratégias teóricas e táticas de ação consolidadas em experimentações com o meio ambiente tais como as que seguem.

Situlogia. Neologismo derivado de uma espécie científica originalmente denominada por Leibniz de *analysis situs*, a **situlogia** em conjunto com a **situgrafia** e a **situmetria**, dedica-se ao conhecimento do território por meio de valores humanos que substituam procedimentos dogmáticos e empirismos gratuitos³. Corresponde à antítese dos ultrapassados paradigmas da geometria e à síntese da relação entre topografia e topologia. Sua função é fazer evoluir o pensamento geológico (geométrico e geográfico) ao sitológico, o qual se utiliza da topologia como instrumento científico do qual estabelece três diferenças fundamentais: não confere tanta importância à noção de limite posicional; determina um sentido para o desenvolvimento analítico que vai sempre do concreto (referente à materialidade concreta do lugar) para o abstrato (quando se refere ao nosso imaginário e à nossa capacidade de conhecimento, representação e projeção); inclui definitivamente o tempo como dimensão imprescindível para qualquer análise ou conceituação. Dessa forma, a Situlogia associa os sistemas perceptivo e cognitivo por meio de experimentações **com** o espaço e **no** tempo presente, por meio da crítica vivente fundada na vida experimental que avalia as inter-relações dos habitantes com o lugar (território) e seus resultantes modelos de conduta (territorialidades). Isso demanda o contato direto com o aqui e agora do momento histórico, otimizada por uma tática situacionista muito importante: a **deriva**. Aplicada como um exercício de perder-se no território para descobri-lo e decifrá-lo, a Deriva contraria as fórmulas do reconhecimento cotidiano, induzido e superficial para desenvolver a percepção e a análise crítica do espaço e do tempo reais onde e quando vivemos. A favor do conhecimento liberado da rotina involuntária e das influências impostas pela “indução” e pelo “comportamento”, a Deriva se destina a superar a visão do território como terreno de atividades massificadas e previsíveis, a estimular a participação dos seres humanos enquanto personagens vivedores e não simples atores figurantes. Por eliminar as censuras impostas pelo condicionamento, o deslocamento intencionalmente fugidivo, aleatório e sem rumo da Deriva revela os efeitos psicogeográficos do território sobre seus usuários; por combater os mecanismos de alienação e estratificação da vida social, a Deriva elimina as barreiras físicas e as patologias mentais exercidas pelo planejamento fragmentário e segregador do território; por eliminar os instrumentos racionais de conduta passiva substituindo-a pelo comportamento participativo a Deriva propõe a apropriação consciente dos espaços de habitar e a construção de um novo urbanismo. Assim, na contramão dos velhos formulários que concebem e materializam a cidade (tais como o estruturalismo, o racionalismo e o capitalismo tardio), defendemos o **Urbanismo Unitário** como negação do urbanismo que não constrói nada “sobre o terreno” e sim “sobre o papel”. Buscamos um urbanismo de novas espacialidades que permitam modos de vida em consonância com processos de subjetivação apropriados, que integrem a cidade em uma rede permanente de interações com as devidas ressonâncias nas construções intersubjetivas inerentes à pluralidade da vida comum.

Mapeamento Cognitivo. Esse conceito foi introduzido por Kevin Lynch em *A Imagem da Cidade*, mas nesse trabalho estava fechado nos limites da elaboração de mapas mentais e reduzido à reprodução de valores icônicos da cidade para uma seletiva

³ Para maiores detalhes sobre conceitos e táticas situacionistas, ver JACQUES, P. B. (2003) e os trabalhos de ESTEVES M. Jr relacionados nas referências deste artigo.

parcela da população de usuários. Para associar devidamente esse conceito à Psicogeografia, a Situlogia e a Deriva, preferimos entendê-lo de forma mais ampla tal como defendida por JAMESON (1988). Assim, os efeitos sinestésicos causados pela “experimentação” territorial se tornam passíveis de análise e descrição permitindo que o contato com o lugar seja transmitido e, sobretudo, que os valores significativos do próprio território sejam revelados. A intenção é promover experimentos políticos mais do que simplesmente reproduzir os indesejáveis processos de representação em que a realidade se transforma em imagem desaparecendo a referência para permitir o triunfo do objeto de representação. A verdadeira informação contida num Mapa Cognitivo não está nas imposições e predileções de uma nova estética qualquer, nem na simples descrição de informações subjetivas e muito menos naquilo que ele representa, mas, sim, naquilo que ele traduz. Só assim ele se constituirá em uma nova fórmula para a representação geográfica não restrita à visibilidade da superfície topológica e revelará os valores invisíveis do lugar. Ao vencer a distância contemplativa de toda e qualquer intervenção mediadora e das barreiras perceptivas do imediatismo, o Mapeamento Cognitivo condensa, na mais absoluta simplicidade, as formas ancestrais de sabedoria e, também, os eventos históricos dentro da realidade histórica vivenciada, servindo de elo entre as idas e vindas da memória diretamente vinculadas às experiências **com o conteúdo e na forma**. Isso pressupõe um grande desafio: o de inventar tanto novas formas de linguagem quanto novas linguagens das formas, para o qual lançamos mão dos diagramas como recursos.

Etnologia e Etnografia. A abordagem etnológica nos interessa, pois se dedica a compreender crenças, valores, desejos e comportamentos dos sujeitos por meio de uma experiência vivida. Tem como premissa a tentativa de apreender, numa perspectiva evolucionista e global, o comportamento humano em situação natural e compreender esse comportamento dentro do quadro de referências no qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações. Noções da etnografia são marcadas pela concepção da sociedade como um processo que considera o aspecto subjetivo do comportamento humano como parte constituinte da formação e manutenção da cidade. Todos os meios de expressão da existência humana são culturalmente construídos, o que os tornam particulares e localizados, sem possibilidades de generalização. Nesta concepção, o significado social de uma situação histórica é sempre relativo e temporário. Assim, a etnografia dedica-se a “compreender como este momento histórico universaliza a si próprio na vida de indivíduos específicos” (Denzin apud Vidich & Lyman, 2000)⁴. O método etnográfico vai tentar compreender como os indivíduos vêm, descrevem e propõem em conjunto uma definição de tal situação. Neste sentido, se o processo fundamental da interação está baseado na interpretação, torna-se então necessário, para o pesquisador, colocar-se na posição do ator/sujeito. Por isso, é preciso que o pesquisador perceba o mundo do ator do ponto de vista deste, a fim de poder identificar e compreender suas ações. Este pilar da etnografia, como método de trabalho é enriquecedor para nossa pesquisa, pois prolonga o contato entre o pesquisador e o sujeito e aumenta a interação cotidiana do pesquisador no universo do sujeito. O nosso propósito é, portanto, explorar as possibilidades da etnografia como metodologia capaz de contribuir para a compreensão do fenômeno urbano, mais especificamente para a pesquisa da dinâmica cultural e das formas de sociabilidade nas cidades

⁴ VIDICH, A & LYMAN, S. “Qualitative Methods: Their History in Sociology and Anthropology”. Handbook of Qualitative Research. Newbury Park, CA: Sage, 2000, in BRANDÃO, Daniel: *Aproximação com a Etnografia*. <http://institutofonte.org.br/node/107>.

contemporâneas. Com efeito, inscrever em nossa investigação a perspectiva das interações que se apóiam sempre nas diversas formas de observação participante, resulta em uma apreensão mais coerente da realidade do território e daqueles que os vivenciam, o que nos inclui indissociavelmente.

Antropologia Visual. A utilização de meios para captura de imagens se demonstra interessante porque apreende fatos em determinados momentos para transcrevê-los em tempos futuros. Funciona, assim, como instrumental representativo e ilustrativo auxiliar nas tarefas e experiências que vão desde a captação das transformações de um ambiente à figuração de uma produção textual. Através dos múltiplos elementos que compõem a cena (e outros tantos que estão ausentes desta), as imagens constroem mitos, contam histórias e registram tempos, lugares e sentimentos, sintetizando uma série de eventos e representações. São formas privilegiadas de se condensar e veicular representações sociais imprescindíveis ao entendimento dos fenômenos naturais e das ações humanas.

As imagens resumem séries infinitas de dados e dizem muito sobre a percepção que os indivíduos têm do real. Desse modo, concordamos com o potencial da imagem ao permitir a documentação e preservação de fatos sociais, os quais, segundo Marcel Mauss⁵ são feitos da soma entre os fenômenos sociais e sua representação. Apesar desses pressupostos, é preciso ter cuidado para não se retificar a questão da imagem como uma forma de apreensão da verdade e, menos ainda, incorrer no erro de achar que a imagem captura o real tal como ele é. Uma coisa é dizer que a imagem condensa representações. Outra, aqui considerada perigosa, é dizer que a imagem representa o real, no sentido de mostrá-lo tal como é. Compreendemos o real como uma construção que depende de sua apreensão e, nesse caso, será sempre algo subjetivo e que não existe de forma puramente objetiva. Compreendemos, também, que a imagem não diz nada por si própria, ela precisa ser lida, interpretada, ter seu sentido construído e reconstruído incessantemente. Importante frisar, aqui, nossa percepção do território como campo preferencial da produção de subjetividades e da construção de relações da vida social; por isso, utilizamos as imagens de modo a fixar ou perpetuar nossas experiências em determinados tempos e lugares, registrando, assim, tal percepção. É essa “participação do fato” que nos permite reportar e documentar, a priori, nossa responsabilidade de registro por meio das imagens e, posteriormente, de estimular os questionamentos e as reflexões críticas sobre as relações intrínsecas que atuam no próprio objeto (território) do qual a imagem revela. Nosso principal objetivo, ao utilizarmos a imagem como estratégia de trabalho, está no registro dos fatos como instrumento político de transformação e de projeção do devir.

Representações Diagramáticas. Os modelos diagramáticos têm a virtude de estabelecer relações entre as partes constituintes do território e aquilo que dele captamos, relacionando-os aos devidos contextos e valores identitários. Com eles, superamos os métodos cartesianos, euclidianos e estruturalistas para favorecer aos desconstrucionistas. Estes são mais vantajosos para as leituras desse objeto multidimensional, extremamente complexo e heterogêneo, bem como para a descrição das experiências vivenciadas em diferentes circunstâncias, momentos e fragmentos espaciais e vinculadas à capacidade cognitiva, as habilidades perceptivas e a aptidão expressiva. Tais instâncias, pertinentes à subjetividade, jamais poderão ser consideradas unívocas nem conjugadas separadamente. Os diagramas permitem uma “textualidade”

⁵ MAUUS, Marcel. Manual de Etnografia. Lisboa, Ed. Dom Quixote, 1993.

que potencializa novas possibilidades materiais, funcionais, sígnicas, comunicativas e expressivas para processar nossas leituras analíticas e críticas. Dentre as virtudes da representação diagramática para a “inteligibilidade” desejável aos nossos produtos destacamos: sua característica tácita, necessária à formulação de conhecimento; sua característica abdutiva, interessante à formulação de preceitos hipotéticos e ao desenvolvimento da capacidade criativa; e sua característica dedutiva, imprescindível às formulações da razão e dos raciocínios analíticos e relacionais. SORIANO (2002) considera que um diagrama é arquitetura. “Não é um esquema, uma simplificação, um desenho preparatório que necessita ser traduzido em outra linguagem ou disciplina específica. É, diretamente, espaço, forma e material que o constrói. São vozes diretas, palavras sintéticas sem linguagem, nem metáforas, nem profundas estruturas de pensamento. São algoritmos gráficos. São sintetizações e não reduções. São complexos e complicados. São mecanismos de intelecto tanto quanto imagem final da arquitetura. O diagrama advoga a execução direta entre pensamento e execução. Faz coincidir o tempo da concepção com o momento da construção”. Soriano afirma, ainda, que um diagrama não é irreal, mas preciso e concreto, definido como o mínimo elemento gráfico que explica um conceito. “É a representação de uma idéia, de um procedimento, de um espaço, de um conceito [...]. Frente a outros instrumentos de representação (ideogramas, gráficos, planos) tem assumido, contemporaneamente, uma instrumentalidade mais direta e efetiva [...]. Um ideograma é um símbolo, um gesto que descreve a estrutura de uma arquitetura. Um gráfico é um desenho que apresenta, de maneira simplificada, um dado, uma informação, uma relação. Um mapa é a convenção lingüística de um território; define posições, condições ou simplesmente dados sobre um espaço. Um desenho explica ou representa uma organização da forma ou da matéria. Um diagrama, ao contrário que os anteriores, é um procedimento. Conjuga a informação, as relações ou as associações e os fenômenos com a organização, o espaço ou a matéria. Opera por trás da imagem, por sua cara obscura. O diagrama se executa por acumulação de informação”⁶. Utilizamos as representações diagramáticas por seu alcance informacional e por seu poder de exclusão da linguagem; não para intercambiar velhas palavras por outras novas mantendo os mesmos significados e estruturas, mas, sim, para substituir linguagens significantes por sistemas de signos universais independentes do domínio exclusivo de nenhuma ciência e, por isso, capazes de um grau de informação de alcance universal.

MERGULHO NO TERRITÓRIO

Esta fase tem por objetivos: priorizar intercâmbios de experiências entre território, pesquisadores e usuários; analisar os processos de produção e transformação das territorialidades contemporâneas segundo aspectos multidimensionais (naturais, construtivos, sensoriais); instrumentalizar estudos prospectivos voltados ao conhecimento e a compreensão das atividades urbanas em prol da qualidade de vida dos habitantes onde esta ocorre. Isso pressupõe uma seleção prévia do território que se pretende analisar e um consequente contato direto com sua realidade concreta. A escolha pelo município de Serra se deve: ao interesse de nosso Grupo de Pesquisas e Projetos Territoriais Conexão Vix em atuar no contexto metropolitano da Universidade Federal do Espírito Santo, onde estamos sediados; à importância desse município para o desenvolvimento da Região Metropolitana da Grande Vitória; às características relevantes desse território como excelente campo de ação para nossos objetivos e metodologia. Dentre as características gerais destacam-se alguns paradoxos genéricos

⁶ SORIANO, Frederico. Diagramas @. Madrid, Fissuras, 1995, p4 (tradução nossa).

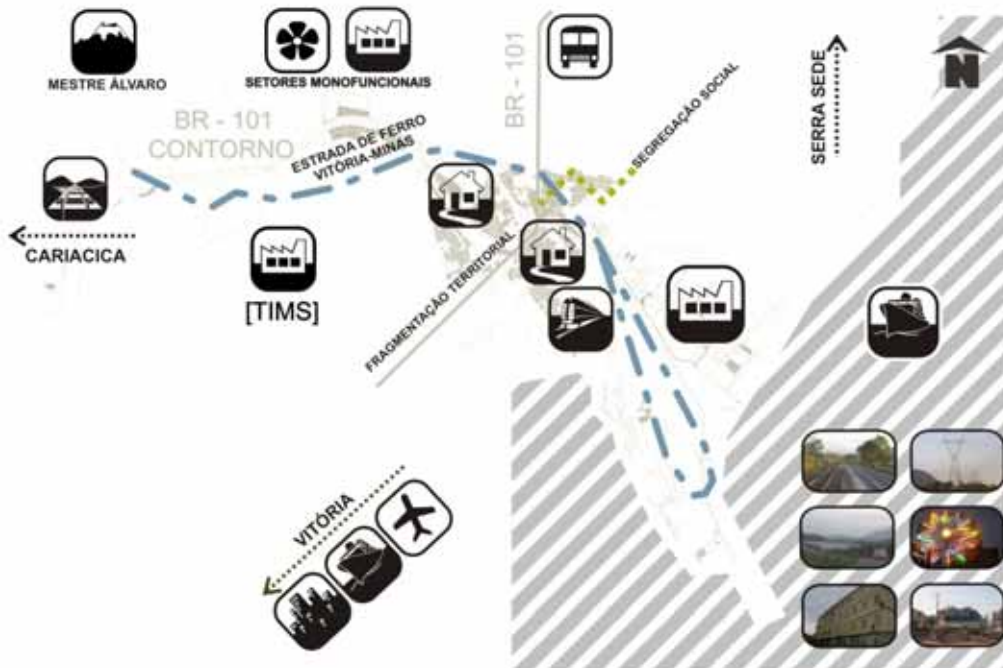
das regiões metropolitanas contemporâneas, as quais concentram tanto os recursos intelectuais, tecnológicos e materiais quanto os problemas sócio-ambientais; por outro lado, atendem a interesses globais que as fazem transcender ao âmbito do território urbano e da simples localidade. Serra não foge à regra e se apresenta como terminal e, simultaneamente, portal, situando-se no limiar entre o local e o global, entre o centro e a periferia, entre o todo e a parte.

A condição de terminal se deve ao seu estigma de lugar para instalação de cadeias produtivas locais, nacionais e internacionais; a condição de portal decorre da presença de importantes plataformas logísticas (portuárias, rodoviárias, ferroviárias) que servem de elo de ligação entre o endógeno e o exógeno. A proximidade com a capital, Vitória, possibilita ao município desempenhar um papel de centralidade coadjuvante, complementando ou compartilhando com aquelas importantes dispositivos metropolitanos; porém, alguns desses dispositivos que “não cabem” na capital, tais como plantas industriais, complexos siderúrgicos e plataformas logísticas, conferem ao município propriedades de “periferia”, isentando-o dos benefícios da produção que ocorre em seu próprio terreno. Se, por um lado, esses paradoxos convertem esse território na periferia dos rejeitados, por outro o relevam como lugar de novas oportunidades, de grandes empreendimentos típicos da metrópole contemporânea e, portanto, potencial campo para nossas investigações. Nosso interesse aumenta ao considerarmos características compositivas desse território: uma “pele natural” com diversos e interessantes “ecossistemas” (afloramentos rochosos, maciços vegetais e formações aquíferas); uma pele supra-estrutural em que atuam importantes instrumentos de construção e consolidação dos assentamentos urbanos e de sistemas produtivos; uma pele infra-estrutural que concentra diversos aparatos essenciais ao funcionamento e desenvolvimento de redes e serviços urbanos.

Recursos da Psicogeografia e da Situlogia por meio de diversos exercícios de percepção, de “mergulhos no território” e de representação analítica revelaram unidades ambientais e campos de forças fundamentais ao trabalho que denominados “platôs”. Subseqüentes derivas, mapas cognitivos, levantamentos iconográficos e representações diagramáticas nos aproximaram cada vez mais do território e de uma estratigrafia crítica permitindo uma leitura eficiente sobre a realidade com a qual trabalhamos. Essas leituras e representações atentas nos permitiram: desvendar os estratos e as potencialidades mais importantes do território; verificar os conflitos que mais exercem influências sobre as diferentes camadas da espacialidade urbana; conhecer e vivificar as situações mais complexas da vida cotidiana; diagnosticar as principais “patologias crônicas” que demandam terapias inovadoras e eficazes.

Dentre as patologias detectadas, a mais grave é a fragmentação do tecido urbano segmentado em unidades dispersas, em “ilhas” desconectas e destinadas a atividades monofuncionais: morar, produzir, circular ou armazenar. Uma verdadeira sucessão de conjuntos de tecidos dilacerados, esgarçados e mal cicatrizados, de peles hipertrofiadas marcadas por um desenvolvimento que provocou aumento de tamanho, de consistência e de complexidade, mas não da conveniente quantidade e qualidade de células necessárias à composição de uma rede de tecidos saudáveis. Como terapia para curar essa espécie de hipergênese, propomos intervenções que permitam a regeneração e a reconstituição dos tecidos lesados por meio de tecidos novos, um processo que denominamos “**Neogênese**”. Esse processo será detalhado em outro trabalho focado na etapa propositiva, não cabendo nesta etapa teórico-conceitual que será concluída com uma síntese da estratigrafia a seguir.

ESTRATIGRAFIA PLATÔ METAL MECÂNICO



Pele Natural

Áreas de proteção ambiental – Monte Mestre Álvaro

Bacia hidrográfica

Ecossistemas comprometidos

Praias urbanizadas

Solo fértil e de alta produtividade

Descontinuidade entre unidades ambientais

Pele Supra

Zonas monofuncionais criam espaços descontínuos

Plataformas logísticas e Plantas industriais e siderúrgicas de grande escala e âmbito macrorregional

Operações produtivas fora de sintonia com residências

Instalações industriais e portuárias produzem terrenos vagos e não-lugares

Assentamentos urbanos divididos e segregados

Bairros suburbanos (ocupações informais, conjuntos habitacionais)

Descontextualização dos bens patrimoniais materiais e imateriais

Pele Infra

Importantes plataformas logísticas de âmbito macrorregional

Fluxos e ritmos alheios aos interesses e contextos locais

Instalações infra-estruturais e eixos rodoferroviários provocam cicatrizes nos tecidos urbanos e configuram zonas perimetrais e fronteiriças intransponíveis

ESTRATIGRAFIA PLATÔ LITORÂNEO



Pele Natural

Potencial turístico e ambiental em praias, falésias e rico sistema aquífero

Unidades ambientais de preservação convertidos em estoques funcionais

Meio ambiente e balneabilidade das praias comprometidos por poluição

Esgotamento das reservas naturais

Pele Supra

Plantas industriais e siderúrgicas em conflito com parcelário urbano e com reservas naturais

Assentamentos urbanos dispersos e precários

Fluxos turísticos sazonais, cíclicos e inconstantes provocam desequilíbrio nos assentamentos urbanos (dispersão X adensamento)

Insuficiência e inadequação das instalações de apoio ao lazer, ócio e turismo em longa faixa litorânea

Pele Infra

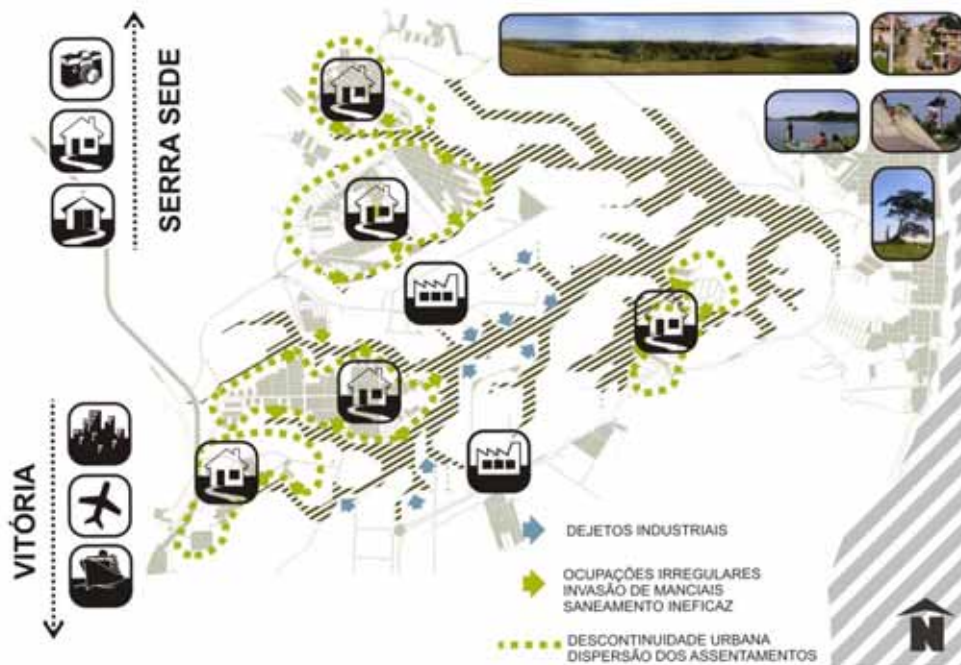
Falta de continuidade e integração entre os municípios de Vitória e de Serra pelo litoral

Sobreposição de fluxos de diversas escalas e velocidades

Complexo sistema viário para fluxos de passagem, mal dimensionado e mal sinalizado, não-contextualizado com locais de moradia e lazer

Conflitos entre rodovias/vias locais e entre pedestres/veículos

Ausência de saneamento ambiental



Pele Natural

Potencial turístico e ambiental em praias, falésias e rico sistema aquífero

Unidades ambientais de preservação convertidos em estoques funcionais

Meio ambiente e balneabilidade das praias comprometidos por poluição

Esgotamento das reservas naturais

Pele Supra

Plantas industriais e siderúrgicas em conflito com parcelário urbano e com reservas naturais

Assentamentos urbanos dispersos e precários

Fluxos turísticos sazonais, cíclicos e inconstantes provocam desequilíbrio nos assentamentos urbanos (dispersão X adensamento)

Insuficiência e inadequação das instalações de apoio ao lazer, ócio e turismo em longa faixa litorânea

Pele Infra

Falta de continuidade e integração entre os municípios de Vitória e de Serra pelo litoral

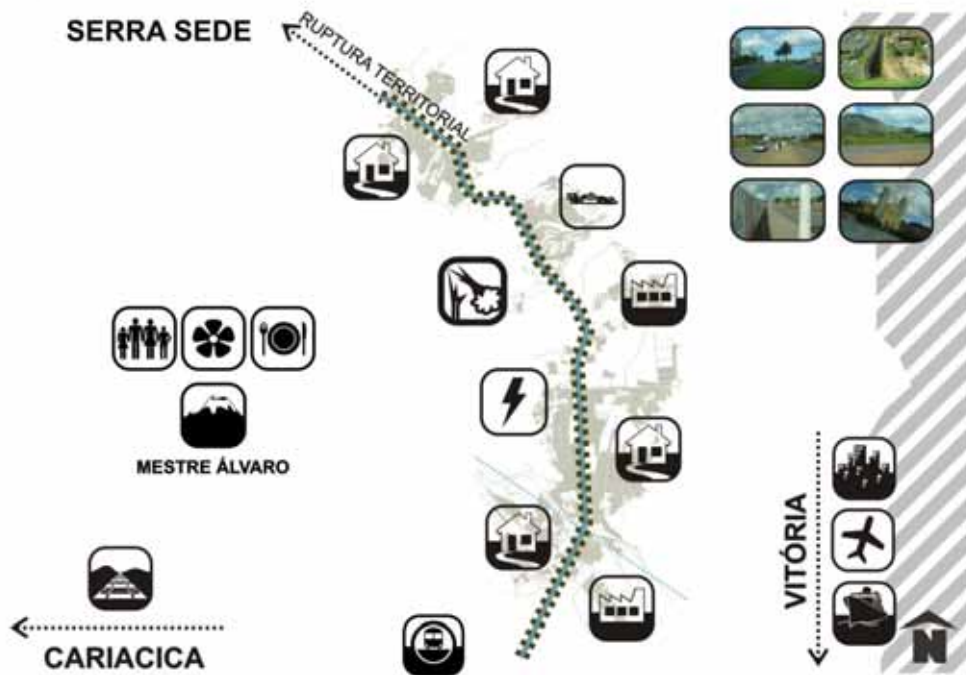
Sobreposição de fluxos de diversas escalas e velocidades

Complexo sistema viário para fluxos de passagem, mal dimensionado e mal sinalizado, não-contextualizado com locais de moradia e lazer

Conflitos entre rodovias/vias locais e entre pedestres/veículos

Ausência de saneamento ambiental

ESTRATIGRAFIA PLATÔ MESTRE ÁLVARO/BR101



Pele Natural

Presença topológica do monte Mestre Álvaro domina paisagem

Grande potencial paisagístico para eco/agro turismo

Áreas de proteção ambiental, como a do Mestre Álvaro, danificadas e degradadas por atividades de extração mineral (pedreiras)

Ecossistemas cortados e subdivididos por dispositivos logísticos e infra-estruturais

Pele Supra

Zonas industriais, ocupações irregulares e invasões comprometem áreas de proteção ambiental

Dispositivos para atividades de lazer, esportes e turismo subutilizados

Zonas rurais transformadas em meras extensões dos serviços urbanos

Desenvolvimento focado no crescimento urbano não compatível com incentivos à agricultura e pecuária e/ou rural.

Pele Infra

Aterros sanitários comprometem qualidade ambiental e qualidade do lençol freático

Conflitos entre sistemas viários e infra-estruturais não adequados à convivência com diversas escalas e fluxos locais

Rede rodo-ferroviária geram fluxos complexos e instáveis e situações efêmeras, fora de contexto para os serviços locais e a população

Redes infra-estruturais fragmentam território e provoca territorialidades dispersas, espalhadas e atomizadas em pequenas parcelas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões transcritas de modo sintético neste trabalho expõem nossa intenção de utilizarmos instrumentos que desenvolvam a capacidade de percepção, de experimentação e de cognição a respeito do território e de suas territorialidades, capacitando-nos para a adequada expressão dessas espacialidades para posteriormente resultar em inferências projetuais. Mais do que meros procedimentos que documentem nosso histórico processo de inscrição sobre o território, buscamos resignificar nosso papel de pesquisadores junto aos próprios acontecimentos convertendo-nos, simultaneamente, em agentes e atores das inscrições do presente, das transcrições do passado e das antevisões de desejado futuro.

Por isso, selecionamos os referenciais teóricos (inerentes a qualquer pesquisa) e as atividades experimentais ou práticas (fundamentais à gestão do território) na esperança de podermos converter nosso trabalho em desdobramentos positivos na prática acadêmica e na gestão territorial, que devem ter no desenvolvimento humano e na qualidade ambiental seus fatores prioritários e fundamentais. Defendemos a produção científica experimentada na forma de “teoria da prática”, única instância que contém a verdade de todos os conhecimentos porque possui o segredo do seu uso com a finalidade de aperfeiçoar as inter-relações simultâneas entre objeto, objetivo e sujeito, de modo a “contextualizar” resultados e desdobramentos, bem como processar constantes avaliações e aperfeiçoamentos de objetivos, metodologias e propostas. Acreditamos que não existe situação mais promissora para encontrarmos novos caminhos em direção à pretendida evolução qualitativa do que a atuação da própria sociedade em seu território e não existe veículo mais importante do que o conhecimento para conduzir-nos à associação entre os responsáveis por conceber, gerir e usufruir o território.

REFERÊNCIAS

- _CARRERI, Francesco. *Walkscapes: El andar como práctica estética*. Barcelona, Gustavo Gili, 2002.
- _CONEXÃO VIX. *Relatórios de pesquisa*. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. UFES / FEST / CREA / CST / CVRD, 2005 a 2008.
- _DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.
- _DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Vols 1 e 5. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.
- _ESTEVES, Milton Jr. “Da realidade do planejamento fragmentista à utopia do Urbanismo Unitário: o medo e o cuidado dos urbanistas na hora da projeção urbana”. In *Panoramas Urbanos: reflexões sobre a cidade*, ESTEVES, M. e URIARTE U. M. (orgs). Edufba, Salvador, 2003.
- _____. “Jogos Estratégicos para o Desenvolvimento da Capacidade de Percepção, Representação e Intervenção do (e no) Meio Ambiente Físico e Social”. In *Caderno de Estudos e Pesquisas – Meio Ambiente #20*. Universo, Rio de Janeiro, Mai/Ago 2004.
- _____. *Movemo-nos à Deriva e somos Devorados pelo Espetáculo*. Tese de doutorado, Universidad Politécnica de Cataluña, 1997.
- _____. “Psicogeografia e sitologia: premissas e alternativas experimentais”. In DEL RIO, V., DUARTE, C. e RHEINGANTZ, P. (orgs.): *Projeto do lugar: Colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria / PROARQ, 2002.
- _GUATTARI, Félix. *Caosmose, um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.
- International Situationniste - 1958-69*. Van Gennep, Amsterdã. 1970.
- _JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da deriva: Estudos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.
- _JAMESON, Fredric: “Cognitive Mapping” in CARY, N. e LAWRENCE, G. (orgs): *Marxism and the Interpretation of Culture*. London, Mac Millan Education, 1988.
- _MAUUS, Marcel. *Manual de Etnografia*. Lisboa, Ed. Dom Quixote, 1993.
- _SORIANO, Frederico. *Diagramas @*. Madrid, Fissuras, 1995.